

O CONECTOR *MAS* NO DISCURSO ORAL: GRAMATICALIZAÇÃO E/OU DISCURSIVIZAÇÃO

Camilo Rosa Silva¹

Introdução

O item lingüístico **mas** tem sido apontado na tradição gramatical, basicamente, como conjunção adversativa, responsável pelo elo entre orações que se opõem semanticamente, mas são independentes sintaticamente. Esse é realmente o uso mais recorrente em qualquer *corpus* de língua escrita, a despeito de poderem ser anotadas numerosas nuanças de funcionamento especial para esse conector, mesmo quando relaciona informações opositivas ou contrastivas.

Como qualquer item lingüístico potencialmente recorrente no discurso, o referido conector tende a aparecer em contextos novos, que sinalizam funções diferenciadas das tradicionalmente conhecidas, o que pode ser indício do desempenho sistemático de novas funções.

O presente estudo, como outros já realizados², corrobora a alta freqüência do item em foco, o que estimula à inspeção na língua em uso, visando flagrá-lo no preenchimento de funções ainda não exaustivamente analisadas pela descrição lingüística. Entre estas, destaca-se o *mas* usado no início de turno no diálogo entrevistador/informante.

Assim percebendo, acudiu-me a idéia de observar, no texto falado, a incidência desse conector, cujo grau de freqüência é, quantitativamente, significativo. O *corpus* averiguado foi extraído do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB). Foi selecionada uma amostra que compreende as entrevistas concedidas por 9 informantes, sendo estes sub-estratificados em 3 diferentes níveis de escolaridade: 5 a 8 anos, 9 a 11 anos e mais de 11 anos. Uma das hipóteses iniciais aposta numa gradação decrescente no número de freqüência do item em foco, de acordo com o nível de

¹ UFRN/UFPB.

² Cf. Camilo Rosa SILVA (2004)

escolarização, apostando-se que o falante mais instruído utilizaria um leque maior de conectivos para a função opositiva.

O suporte teórico acionado para a análise ora proposta assenta-se nos estudos funcionalistas, que têm se consolidado como importante referencial para estudos que visem ao conhecimento da língua em uso. Também recorri à teoria variacionista, presente já a partir da composição do *corpus* em tela, e que se manifesta nas análises quantificadoras de que também lanço mão. Este aparato teórico, que adjuge elementos funcionalistas e sociolinguísticos, tem sido denominado por vários estudiosos de *sociofuncionalismo*³.

O presente trabalho está dividido em quatro seções: a primeira apresenta o objeto de estudo; a segunda passeia pelas referências teóricas acionadas para a análise; a terceira apresenta os dados coletados e os discute; enquanto a quarta consiste nas conclusões a que a pesquisa permitiu chegar.

1. O conector *mas*

Conforme afirmado anteriormente, o **mas** é frequentemente classificado nas gramáticas normativas como uma conjunção coordenativa que principia orações adversativas. No entanto, é possível enxergar outras funções exercidas por esse conector, que se distanciam um pouco da adversidade, tais como: operador argumentativo (Koch, 1989), marcador conversacional e índice contrastivo (Rodrigues, 1995), entre outras.

Para Neves (2000), o conector *mas* apresenta dois valores semânticos: o da *contraposição*, no qual o conteúdo da oração por ele iniciada, apesar de admitir o conteúdo da anterior, posiciona-se rebatendo-o; e o da *eliminação*, em que há anulação do conteúdo exposto na oração que precede o referido conector. A autora realiza um estudo detalhado, identificando 23 subfunções semânticas para ocorrências diversas do *mas*:

1. *contraposição marcando contraste entre positivo e negativo;*
2. *contraposição marcando contraste entre negativo e positivo;*
3. *contraste entre expressões de significação oposta;*
4. *contraste, simplesmente, entre diferentes;*
5. *marcando compensação sem gradação;*

³ Para saber mais sobre o sociofuncionalismo, ver Maria Alice TAVARES (2003).

6. *marcando compensação com gradação;*
7. *restrição acrescentando um termo;*
8. *restrição acrescentando um circundante limitador;*
9. *restrição acrescentando uma qualificação;*
10. *restrição negando inferência;*
11. *contraposição na mesma direção;*
12. *contraposição em direção independente;*
13. *eliminação negando-se a subsequência temporal natural;*
14. *eliminação negando-se a subsequência temporal natural, mas recolocando um evento no primeiro membro;*
15. *eliminação negando o que é enunciado no primeiro membro;*
16. *contraposição em início de turno;*
17. *restrição por pedido de informação a propósito do enunciado anterior;*
18. *em direção independente, é sugerido um novo argumento para consideração (...) e o argumento anterior, embora admitido, é considerado insuficiente;*
19. *mudança de foco da narrativa ou da conversação (...);*
20. *introdução de um novo tema, que contrasta com o anteriormente selecionado;*
21. *eliminação: o enunciado que o **mas** inicia elimina, de certo modo, o anterior;*
22. *eliminação implicando recolocação;*
23. *a eliminação rejeita algum elemento da situação de enunciação.*

Observa-se na análise realizada pela autora, que tanto *contraposição* quanto *eliminação* podem ser interpretadas como facetas da *oposição* nos termos em que essa função é aqui evidenciada.

Em sua Gramática Descritiva do Português, Perini (2001, p. 145) faz referências à coordenação sintática, incluindo o **mas** como um elemento parcialmente coordenador, visto não possuir, segundo seu entendimento, todas as propriedades inerentes a tal função: “**e** e **ou** integram o primeiro grupo dos coordenadores em que **mas** figura como um terceiro membro, bastante desviante”. Para o autor, as propriedades que caracterizam a coordenação prototípica são:

- a) as duas orações podem ser separadas, opcionalmente, por pontuação;
- b) o coordenador vale para coordenar qualquer número de membros; nesse caso, em geral, mas não obrigatoriamente, o coordenador só ocorre entre os dois últimos membros;
- c) o coordenador, quando não repetido, só pode ocorrer em uma posição, ou seja, logo antes da última oração;
- d) pode-se acrescentar que *e* pode servir para juntar quaisquer elementos coordenáveis; assim, encontramos-lo coordenando orações ou SNs. (p. 145)

Perini (op. cit.) entende que o **mas** não possui a propriedade (b), sendo usado para coordenar apenas dois elementos, nunca um número maior que dois. Alega, também, que o *mas* coordena apenas adjetivos ou verbos, não podendo coordenar SNs.

Pressupondo que os itens lingüísticos podem apresentar maior ou menor quantidade de traços de uma determinada categoria ou função, na presente análise, não percebo nenhum problema em considerar o **mas** conector coordenativo, em consonância com a abordagem funcionalista que reconhece a existência de um *continuum*, no qual se podem perceber níveis variados de atuação dispostos numa ordem escalar. No entanto, mesmo considerando sua categorização enquanto conector coordenativo de oposição, pretendo apontar, para esse item, o exercício de novas subfunções concretizadas na dinâmica da língua em uso.

2 Gramaticalização e discursivização

Por conceber a língua como estrutura maleável, cuja iconicidade é determinativa da codificação estrutural, a abordagem funcionalista admite que a *forma* seja produto de fenômenos não-lingüísticos, derivados de processos cognitivos. Tal concepção iguala a visão de gramática a um conjunto de regularidades decorrentes das pressões de uso, influenciadas por pressões cognitivas, estas últimas responsáveis pela regularização das estruturas.

Influenciados pela relevância desses fatores, os estudos funcionalistas redimensionam a preocupação com as situações reais de uso lingüístico. Tem merecido relevo o papel ativo desempenhado pelos usuários, enquanto criadores, continuadores e transformadores das estruturas lingüísticas perscrutadas sob a ótica de seu funcionamento (VOTRE, 1996).

Ao incorporar a observação do uso à análise, o funcionalismo se permite verificar o caráter dinâmico da linguagem, aferindo a pulsão das pressões externas que agem sobre o discurso. Assim, a análise funcionalista perscruta concomitantemente a engrenagem e as funções que lhes são respeitantes, interpretando a língua como um complexo de relações estruturais e funcionais.

Percebendo que é para satisfazer necessidades comunicativas que a língua é predominantemente usada, pode-se compartilhar a noção de que atos de fala produzem (ir)regularidades cuja fixidez, enquanto estrutura gramatical, é dependente da situação interativa.

Ao prospectar a gramática como estrutura emergente, o funcionalismo abaliza a configuração de fenômenos de mudança lingüística tais como os de Gramaticalização e Discursivização. Para o primeiro, é imperativa a observação do movimento realizado por itens lexicais e construções sintáticas, no sentido de assumirem funções organizadoras do discurso e suas estratégias comunicativas; para o segundo fenômeno, acompanha-se o movimento de um item que passa a assumir funções pragmáticas atuantes na interação entre os usuários da língua.

Hopper e Traugott (1993, p. XV) definem a gramaticalização como “o processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servirem a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Ainda segundo os mesmos autores, essa concepção de gramaticalização está relacionada à idéia de que tal processo constitui-se num *continuum*⁴, que se estabelece entre unidades independentes, identificadas como itens autônomos menos ligados, e unidades dependentes, a exemplo dos clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

De acordo com Castilho (1997), a gramaticalização consiste no trajeto que um item lexical empreende, “ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas,[e] deixa de ser uma forma livre.” Na ótica do autor, ao atingir esse estágio, após abstratizar-se intensamente, o item se cristaliza,

⁴ Heine *et al.* (1991) sugerem o termo *cadeias de gramaticalização* por entenderem-no melhor adequado à especificação do processo do que o termo *continuum*.

podendo ocultar qualquer sinal de motivação em relação ao seu trajeto anterior, tornando-se passível de extinção.

Preocupados com o mecanismo interno do processo de gramaticalização e visualizando os aspectos que afetam diferentes níveis da estrutura lingüística, tais como o funcional, o morfossintático e o fonético, Heine e Reh apud Görski (2002) chegam à formulação dos pressupostos que sintetizo na figura abaixo:

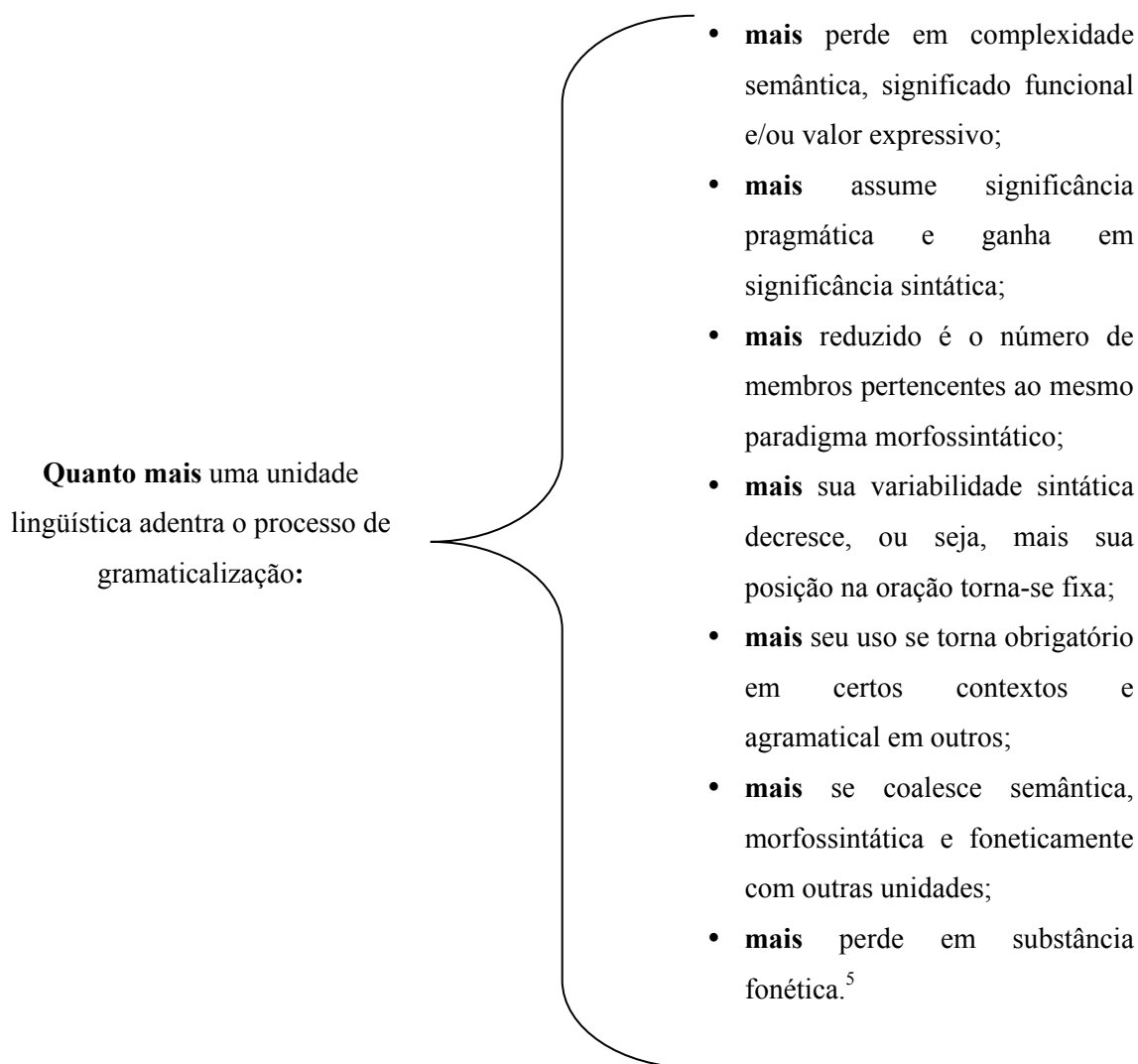


figura 1: pressupostos do processo de gramaticalização

A abordagem efetivada pelos autores deixa em segundo plano preocupações com a identificação de onde começa e onde termina o processo da gramaticalização.

⁵ Grifos meus.

O intuito que norteia a feitura do presente estudo, é, a partir dessa perspectiva que considera a gramaticalização uma mudança estabelecida num contínuo, lançar um olhar sobre o **mas**, buscando analisar o movimento que esse item realiza, na língua em uso, em direção a uma função conectiva interrogativa.

Para estabelecer um contraponto entre gramaticalização e discursivização, enfatizo que o termo *discurso*, nessa teoria, é tomado como o ponto de partida para a gramática, estando relacionado à organização funcional do texto, levando em consideração situações reais de uso que envolvam um determinado falante e um contexto específico. Pensando, como Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2003, p. 50), é interessante destacar que

quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não-previsíveis, em termos de regras seletivas, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso.

A gramaticalização pressupõe regularidade, estabilização, fixação. A frequência é então vista como questão *sine qua non* para que uma forma se estabilize e se cristalize numa determinada função. Assim, ela torna-se previsível e sistemática. Mas o mesmo processo que proporciona a cristalização pode levar ao esvaziamento semântico, alimentando um uso não-gramatical para determinadas formas, que passam a pipocar em pontos os mais inusitados no discurso, sem que atuem na organização textual. Cumprem, então, função especificamente discursiva, não reconhecendo restrições sintagmáticas para seu uso. É a discursivização.

Em ponto futuro desse trabalho, será discutido se o fenômeno de mudança por que passa o **mas** se enquadra nos parâmetros da gramaticalização ou da discursivização.

3 Os dados: resultados e análise

3.1 Ocorrências gerais do *mas*

Essa exposição parte da análise quantitativa de todas as ocorrências do **mas** no *corpus* investigado. Na seqüência, a atenção volta-se para uma função em especial: o **mas** em posição de abertura de enunciados, aqui denominado *iniciador de turno*. Assim,

será observado seu papel sintático-semântico, para destacar nuances e especificidades manifestadas em tais contextos lingüísticos.

É oportuno alertar que o conector **mas** apresenta, na língua falada, variações fonológicas bastante visíveis. A própria transcrição utilizada pelo VALPB deixa clara essa variação. O **mas** é transcrito como **mas**, **mays**, **mais** e **mai**. Como essa variação não interfere no funcionamento sintático-semântico e pragmático-discursivo do item, não será levada em consideração na análise ora proposta. O curioso é que entre as variações mais utilizadas – **mais** e **mays** – ocorre um acréscimo de massa fonológica, o que contraria um dos princípios da gramaticalização: aquele que atesta redução fonológica em itens que passam por processo de mudança gramatical.

Na amostra selecionada, composta por 9 informantes, encontramos os dados que podem ser visualizados na seguinte tabela:

tabela 1: panorama das ocorrências do *mas*

estratificação	ocorrências do <i>mas</i>	%
5 a 8 anos de escolarização	94	34,82
9 a 11 anos de escolarização	110	40,74
+ de onze anos de escolarização	66	24,44
TOTAL	270	100

O total de ocorrências reafirma a alta frequência do item **mas**, considerando que a amostra contempla apenas nove informantes. A hipótese inicialmente cogitada não se confirma integralmente: a estratificação em diferentes graus de escolaridade não assinala uma progressão decrescente do uso do conector focalizado, partindo-se dos menos para os mais escolarizados. O número maior de ocorrências registra-se na faixa intermediária (110 ocorrências para falantes compreendidos entre 9 a 11 anos de escolarização). Esse número quase se emparelha à frequência observada em falantes com 5 a 8 anos de escolarização: 94 ocorrências. Os números percentuais são relativamente aproximados: 40,74% e 34,81%.

No entanto, é bastante nítida uma menor recorrência de emprego do item na classe de escolarização mais elevada: 66 ocorrências, correspondendo a 24,44% do total,

o que pode confirmar a pressuposição de que falantes mais escolarizados usariam menos o **mas** por utilizarem maior diversidade de conectores⁶.

A tabela 2 expõe a distribuição do item **mas**, de acordo com a classificação funcional aqui aventada.

tabela 2: distribuição do conector *mas*

Função	Ocorrências	%
opositivo	229	84,81
conclusivo	02	0,74
aditivo	13	4,81
iniciador de turno	23	8,51
sinalizador de advertência	03	1,11
Total	270	100

Como se sucede uma imbricação de subfunções, o que torna complexa a categorização, a maioria das ocorrências são aqui enquadradas como casos de *oposição*, uma vez que é essa a conotação que prevalece sobre as demais. Entretanto, não se pode descartar a existência de matizes funcionais pertencentes às outras subclassificações (conector conclusivo, conector aditivo e sinalizador de advertência) no universo que abrange os conectores de oposição.

Além disso, a despeito de reconhecer que a função de conector opositivo predomina (84,81%), é relevante destacar que há uma gama imensa de subfunções inerentes a essa função (cf. classificação de NEVES, exposta acima).

Vejamos alguns casos que podem ser considerados prototipicamente de oposição:

- (1) ela já tinha dito que ia levar o namorado dela lá **mas** eu não acreditava (v. III, p. 17, l. 9)⁷
- (2) rapaz, num tem nada a ver, não, **mas** a opção que a gente tem aqui é mesmo, entendeu?
(v. IV, p. 17, l. 26)
- (3) apesar de eu ter nascido no carnaval **mas** eu sou uma pessoa calma. (v. V, p. 21, l. 11)

⁶ Não posso afirmar que a hipótese se confirma porque não era propósito deste trabalho analisar outros conectivos que não o *mas*.

⁷ V. indica o volume, p. a página, e l. a linha em que se pode encontrar o exemplo.

Conforme já destacado, alguns usos assinalam situações complexas reforçadas pelo próprio contexto, impondo uma certa ambigüidade à articulação semântica que o conector realiza. Por exemplo:

(4) tenho vontade, **mas** eu não tenho condições (v. V, p. 47, l. 28)

Na ocorrência (4), o conector assume uma função mais *explicativa* que opositiva. Ter vontade e não ter condições podem até se opor, mas, no contexto em foco, *não ter condições* funciona como uma *justificativa* para a não concretização do fato em discussão. Nesse caso, a oposição parece ser apenas uma subfunção que impulsiona um recurso argumentativo mais consistente.

Na seqüência, encontram-se exemplos de ocorrências que assinalam a funcionalidade variável do **mas**, conforme anotado na tabela 1:

(5) a rádio já mostrava tudo que estava acontecendo, **mas** ele teve uma grande importância, tanto cultural quanto política. (v. V, p. 17, l. 26)

Nessa ocorrência, fica nítido que a última cláusula equivale a *por isso ele teve uma grande importância...* Desse modo, é razoável considerar como **conclusiva** a função desempenhada pelo **mas**.

(6) A televisão, ela mostra coisas muito boas, **mas** também mostra partes ruins. (v. V, p. 16, l.19)

Importa ressaltar o valor **aditivo** do **mas**, que, em (6), funciona como um introdutor de novas informações. As ocorrências com esse valor funcional, são, na maioria dos casos, lexicalizadas pelo item *também*, como resquício da correlação *não só, mas também*, de há muito gramaticalizada na língua portuguesa.

(7) E* Como você vê o machismo de hoje?

I* Eu acho que hoje em dia existe, né? **Mais** acho que muito pouco. (v. V, p. 33, l. 9)

O conector **mais** não exerce função opositiva em (7), apenas chama a atenção do interlocutor, para destacar uma informação relevante dentro daquilo que foi dito. A informação se contrapõe à anterior, sem eliminá-la, acrescentando um detalhe que a

modifica. O falante adverte o ouvinte sobre a necessidade de redimensionar o valor da informação recebida. Portanto, ocorre o *mas* **signalizador de advertência**.

3.2 Ocorrências específicas do *mas* iniciador de turno

O foco deste trabalho, a partir deste ponto, recairá exclusivamente sobre o *mas* **iniciador de turno**, que ocupa a segunda posição no número de ocorrências verificadas e que, a meu ver, tem sido menos estudado pelos pesquisadores em geral. A tabela 3 traz uma exposição dos dados relativos a tal função.

tabela 3: distribuição do **mas** iniciador de turno entre as três sub-estratificações de informantes

estratificação	ocorrências	%
5 a 8 anos de escolarização	04	17,37
9 a 11 anos de escolarização	18	78,25
mais de 11 anos de escolarização	01	4,38
TOTAL	23	100

Devido ao tipo de situação discursiva analisada - a entrevista -, algumas características contextuais devem ser levadas em consideração. É previsível, por exemplo, que o entrevistado fale mais que o entrevistador e que este controle a seleção e o desenrolar dos tópicos discutidos. Assim, é provável que haja algumas intervenções na fala do outro. A tomada de turno, pelo entrevistador, pode ser debitada, em muitos casos, a essa necessidade de controle temático.

Os dados que compõem a tabela 3 apontam uma distorção de proporcionalidade em relação aos da tabela 1: a incidência do **mas** na fala do entrevistador, no início de turno, é curiosamente muito mais recorrente que a distribuição de ocorrências do **mas**, em geral, pelos informantes dos três graus de escolaridade, posto que, como se pode observar, 78,25% dos casos de **mas** iniciador de turno localiza-se no nível intermediário. Não arrisco a apontar possíveis causas para esse fato, uma vez que a publicação com as entrevistas do VALPB não disponibilizam informações mais detalhadas sobre os entrevistadores. Isso torna impossível identificar quais e quantas entrevistas foram realizadas por um mesmo pesquisador, não se podendo descartar tal uso como idiossincrático no comportamento lingüístico desse ou daquele usuário.

Um dado que a tabela não apresenta, mas que se constitui relevante para a análise é que se registra apenas 01 ocorrência do **mas** iniciador de turno no discurso do informante. Todas as demais ocorrências se dão na fala do entrevistador.

Também é sintomático do gênero textual em análise o fato de que o entrevistador incita o entrevistado a se alongar sobre determinadas questões. Assim, sua intervenção, com construções supostamente positivas, estimularia seu interlocutor a se manifestar para rebatê-lo, dirimir dúvidas ou aprofundar a discussão sobre determinadas controvérsias. Isso significa que não é surpresa o uso do conector de oposição na tomada de turno por parte do entrevistador. No entanto, as ocorrências apontam outras subfunções desempenhadas pelo conector **mas**, que vão além da oposição pura e simples. A tabela 4 aponta a classificação sugerida para essas subfunções.

tabela 4: classificação do *mas* iniciador de turno

subfunção	ocorrências	%
solicitador de esclarecimentos	08	34,78
contrapositor	05	21,74
propulsor de progressão temática	07	30,44
retificador	01	4,35
recuperador temático	02	8,69
TOTAL	23	100

A subfunção **solicitador de esclarecimentos** se impõe como a mais recorrente. Ela consiste numa intervenção feita pelo entrevistador para tentar extrair do informante uma descrição mais apurada de uma determinada situação informacional. Vejamos um exemplo:

(8) E* Como você vê a atual juventude?

I* Eu vejo uma juventude alienada. (...) O rock só ilude a você ficar doidão. (...) todo baile funk termina em briga.

E* **Mais** é todo tipo de de rock ou só aquele mais pesado mesmo?

Na subfunção de **recuperador temático** o *mas* inicia o enunciado em que o entrevistador tenta fazer o informante centrar-se sobre o tema por ele focado. Eis uma ocorrência:

(9) E* E na, e no Roger, existe algum trabalho na comunidade feito pela igreja?

I* Existe. Agora eu num participo não. Porque esse, essa, esse, essas comunidades assim eles, eles não fazem como fazia antes, não eles só querem, eles só querem se aproveitar é, é pegar, é pegar aquele [desfi-] é desvio de, de, pede mas aquilo é desviado.

E* **Mas** o trabalho que é feito lá, como é que é feito?

Repare-se que o informante comete uma espécie de digressão, não se fixando no tema proposto pelo entrevistador, falando não do trabalho em si, mas do comportamento desonesto das pessoas em relação ao voluntariado. Assim, o entrevistador não se dá por satisfeito com a resposta e volta a insistir no pedido de uma descrição do trabalho feito na comunidade. É como se ele insistisse com o informante, visando a obter uma resposta mais diretamente relacionada ao tema desencadeado pela pergunta anteriormente feita.

(10) E* Brincou?

I* Não, não brinquei, porque eu era muito novo, na época eu acho tinha uns onze, dez anos.

E* **Mais** gostaria hoje? (v. V, p. 21, l. 25)

Em (10), conhecedor da informação de que o entrevistado esteve no Rio de Janeiro, há muitos anos, durante o período de carnaval mas não participou dos festejos, o entrevistador faz o fluxo temático progredir, trazendo a situação para o presente, questionando sobre a vontade que, atualmente, o outro teria, ou não, de brincar um carnaval no Rio. É um caso em que o *mas* funciona como **propulsor de progressão temática**.

(11) E* Você pensa em fazer vestibular?

I* Penso, até penso.

E* Para quê?

I* Ah, isso aí eu to indeciso ainda.

E* **Mas** tem alguma idéia? (v. IV, p. 12, l. 1)

A situação (11) acena para uma **contraposição** que pode ser percebida entre o fato de *haver indecisão* e de *haver alguma idéia*. É possível cogitar uma teor concessividade presente no contexto: *embora esteja indeciso, você tem alguma idéia?* Neves (2000)

afirma que nessas circunstâncias o *mas* não elimina o enunciado anterior, apenas se contrapõe a ele.

(12) E* Morreu?

I* Mataram, não? Num sei, eu soube assim (gag.) eles foram linchados, né?

E* É, linchados.

I* **Mais** se tivesse chegado a morrer se morreram mais o certo. Já que realmente num tem mais jeito, num tem mais cabeça pra isso. È isso aí, feiz, estuprou... (v. IV, p. 64, l. 11)

Na ocorrência (12), o *mais* aparece no início do turno assumido pelo entrevistado, para corrigir a interpretação a que chegou seu interlocutor, reconstruindo sua informação, justificando o seu ponto de vista. Tem-se o **mas** iniciador de turno funcionando como **retificador**.

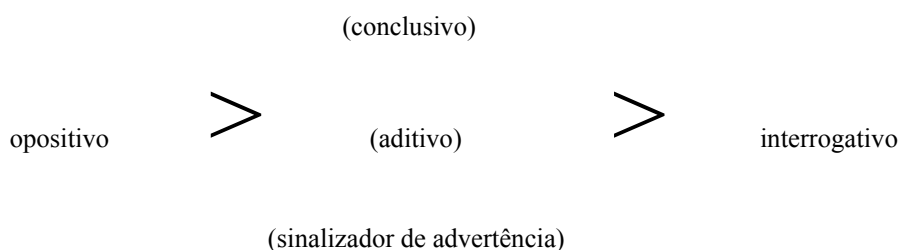
3.3 Constatações funcionalistas

Na posição de iniciador de turno, predominantemente presente na fala do entrevistador, o *mas* assume um papel distinto da função tradicionalmente a ele atribuída, que é o de conector adversativo, especialmente útil na união de orações coordenadas, autorizando as seguintes considerações:

- na maioria das construções que apresentam *mas* no início do turno, este elemento poderia ser suprimido; no entanto, sua presença parece funcionar coesivamente, assumindo importância na tessitura do texto, uma vez que impulsiona, sem rupturas, a progressividade que o gênero textual em tela reivindica;
- utilizando o *mas*, o entrevistador parece querer enfatizar seu interesse na fala do informante, não deixando passar informações que lhes pareçam, sob algum ponto de vista, inaceitáveis;
- o *mas* no início de turno pode reforçar a impressão de que se estabelece uma continuidade, mesmo que se parta para outros aspectos da temática abordada;
- as subfunções identificadas nos usos do **mas**, nessa posição estrutural, tornam-no especialmente útil à formulação de perguntas que retornam aos

temas em discussão, possibilitando retomadas e regressões a partes anteriores da conversação, solucionando a volta de digressões, pouco importando a dimensão física do escopo relativo ao tema recuperado;

- apostando no desempenho de uma nova função por parte do *mas*, talvez seja possível identificar um movimento que faz esse conector migrar de sua função opositiva para a de conector interrogativo; diferentemente dos pronomes interrogativos que estão sempre associados a circunstâncias predeterminadas: por que (causa), quando (tempo), como (modo), onde (lugar), etc.: o papel interrogativo insinuado pelo **mas** remete a uma informação não aceita, ou discutível, localizada foricamente no escopo textual ou deiticamente, no universo nocional ou físico do interlocutor, podendo impulsionar o texto, fazendo-o progredir ou simplesmente complementar e esclarecer passagens não aceitas;
- é possível descrever a trajetória de gramaticalização em curso com o conector **mas** nos seguintes termos:



4 Considerações finais

A observação sobre o comportamento do item lingüístico *mas* no discurso oral atesta a efetiva utilização desse elemento no início de turno, no gênero textual *entrevista*. No *corpus* averiguado, predomina, em absoluto, sua utilização pelo entrevistador, sendo possível identificar 5 subfunções juntivas desempenhadas pelo item: solicitador de esclarecimentos, contrapositor, propulsor de progressão temática, retificador e recuperador temático⁸.

⁸ Algumas dessas funções, com certas especificidades, são identificadas, em textos de língua escrita, por Neves (2000).

É importante ressaltar que a função de solicitador de esclarecimentos parece ser a mais abrangente, sendo perceptível sua presença nos demais tipos. No entanto, a classificação ora sugerida fincou-se, como já afirmado, na observação do traço predominante presente em cada subfunção. A polissemia ou a polifuncionalidade do item assinala forte ambigüidade, reivindicando a análise de sutilezas e detalhes contextuais decisivos para a classificação em uma ou outra subfunção.

Quanto à questão da gramaticalização/discursivização posta em evidência no início deste trabalho, identifico no *mas* um deslocamento na sua história funcional, assinalando uma trajetória rumo a funções interrogativas que se distanciam de seu papel efetivamente opositivo. A alta frequência desse item em início de turno empresta consistência a essa impressão. Como a presença do item, nessa função, parece se acomodar tranqüilamente à estrutura lingüística, entendo que sua sistematização e sua previsibilidade constituem uma manifestação do processo de gramaticalização. Por isso, e, levando em conta a concepção de discursivização anteriormente apresentada, poderia afirmar que este fenômeno não se manifesta nos dados analisados nesta pesquisa.

Isso posto, é cabível afirmar que a presença do *mas* em início de perguntas pode significar que a língua, via processo de gramaticalização, está buscando, num uso inusitado para uma forma já existente, a especialização de uma função: uma construção interrogativa que realize os dois movimentos: o fórico e o dêitico.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. (1997) A gramaticalização. In: **Cadernos de estudos lingüísticos e literários**. Salvador: UFBA.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. (2003) Pressupostos teóricos fundamentais. In: Maria A. Furtado da Cunha; Mariângela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta (orgs.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A.

GÖRSKI, Edair. (2002) **Gramaticalização: notas de aula**. João Pessoa: UFPB (impresso)

HEINE, Bernd. CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. (1991) **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993) **Grammaticalization**. Cambridge: CUP.

HOPPER, Paul J. (1991) On some principles of grammaticization. In: Elizabeth Traugott; Bernd Heine (eds.). **Approaches to grammaticalization**. V. 1: *focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. Ribeiro (orgs.). (2001). **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)**. João Pessoa: Idéia.

KOCH, Ingedore G. Villaça. (1989) Mas era primavera... In: Eduardo Guimarães (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes.

NEVES, Maria Helena de Moura. (1997) **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2000) **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp.

PERINI, Mário A. (2001) **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática.

RODRIGUES, Andréa. (1995) Os níveis de atuação do *mas* no discurso. In: **Cadernos de estudos lingüísticos**. v. 28. Campinas: jan/jun, pp. 37-44.

SILVA, Camilo Rosa. (2004) Iconicidade no uso do conector *mas*: um estudo funcionalista. In: Maria Elizabeth A. Christiano; Camilo Rosa Silva e Dermeval da Hora (orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia.

TAVARES, Maria Alice. (2003) **A gramaticalização de *e, aí, daí e então*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações** – um estudo sociofuncionalista. Florianópolis: UFSC. (tese de doutorado)

VOTRE, Sebastião Josué. (1996) Um paradigma para a lingüística funcional. In: Mário Eduardo Martelotta; Sebastião Josué Votré; Maria Maura Cezário. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ.

